

## COOPERAÇÃO LUSÓFONA EM DEFESA

*Intervenção do Ministro da Defesa, Celso Amorim,  
na XV Reunião de Ministros de Defesa da  
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*

**Lisboa, 26 de maio de 2014**

Gostaria de agradecer ao Ministro José Pedro Aguiar-Branco, em nome de quem cumprimento todos os nossos colegas aqui presentes.

Quero dar também uma palavra de agradecimento também ao Ministro Mondlane, pela Presidência de Moçambique.

E dizer que é uma honra estar aqui com todos e especialmente com o Primeiro Ministro Xanana Gusmão, grande herói da independência de Timor Leste, cuja vida nós acompanhamos com muita admiração e respeito.

A timidez dele não consegue esconder a importância do seu histórico.

Eu queria dizer que nós damos grande importância a este Foro, à CPLP, especificamente na área de Defesa.

Ele tem algumas características únicas.

Uma delas é a pluralidade, não só geográfica – nós temos aqui quatro continentes diferentes –, mas também de *backgrounds* culturais, ainda que também muita coisa nos uma, sobretudo a língua, que é a forma de comunicação humana, e que portanto é um fator fundamental de entendimento entre homens e mulheres no mundo inteiro.

Dentro desse contexto, a nossa visão da CPLP é sobretudo uma visão de cooperação, em que se preservem as especificidades de cada país e de cada região em que cada país está inserido.

Essas regiões têm características próprias: vários países africanos fazem parte de organizações de tipo variável, algumas com uma dimensão militar; Portugal evidentemente faz parte de uma grande organização militar de caráter defensivo; e o Brasil agora faz parte também de um outro foro, de caráter não defensivo, mas cooperativo, que cada vez mais cresce em importância dentro de nosso relacionamento, que é o Conselho de Defesa Sul-americano.

Então nós temos aqui o grande desafio de cooperar entre esses países de regiões tão distantes, de trazer para essa cooperação as experiências que cada um adquire, de trazer as vivências e os desafios – alguns comuns, outros particulares – para a mesa de debates, e ao mesmo tempo de sermos capazes de entender que cada um tem a sua especificidade e a sua visão de mundo, apesar de todas as afinidades que nos unem.

Portanto, eu diria que a nossa visão tem que ser baseada sobretudo na ideia da cooperação.

Eu digo isso porque creio que não seria útil nós dispendermos energia em coisas que nós não teremos condições de realizar, por um motivo ou por outro.

Obviamente, seria praticamente impossível falarmos em uma defesa comum entre os países da CPLP, o que não nos impede de cooperar e de chegarmos às conclusões de como cooperar para a defesa de cada um dos países da CPLP.

Eu queria me juntar também ao que já foi dito aqui sobre as eleições de Guiné Bissau.

Guiné Bissau, entre todos os nossos irmãos, talvez seja o país mais necessitado.

É difícil – já visitei muitos países do mundo em várias situações – é difícil visitar um país que tenha tanta necessidade de contribuição e de apoio internacional, sobretudo de apoio desinteressado e verdadeiramente humano, como pode ser dado pelos países da CPLP.

Ao mesmo tempo, é um país que luta internamente para criar as condições para que esse auxílio seja dado.

Eu não estou falando em abstrato, porque eu sei que um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento e a estabilidade da Guiné Bissau é a reforma do setor de defesa, especificamente do setor militar.

Sei que todos os países aqui estão empenhados em contribuir nesse sentido.

O Brasil se inclui nesse quadro.

Antes do último golpe de Estado lá já havíamos feito inclusive planos muito concretos para ajudar não só na formação policial – coisa que chegamos a fazer até certo ponto – mas também na formação das próprias Forças Armadas – e estamos totalmente dispostos a fazê-lo, assim que as condições permitam.

Eu acho que é muito importante que haja um acompanhamento direto da Secretaria da CPLP sobre a evolução da situação da Guiné Bissau, até para nos dizer se as condições para essa cooperação na reforma do setor de defesa – que é fundamental – estão dadas.

Eu não vou alinhar aqui as grandes linhas do trabalho que nós temos feito juntamente com outros países, com a compreensão de que tudo isso é um esforço comum.

Mas não é possível deixar de destacar os exercícios Felino, o último se realizou no Brasil, e brevemente haverá um exercício na carta – como dizem os militares – que será no Timor; esse seminário de grande importância na área marítima; enfim, todas essas ações da CPLP.

Pensando em seminários, e mesmo levando em conta as diferenças de nível tecnológico entre os países – e essa é uma tarefa que talvez o centro de estudos estratégicos possa levar adiante –, seria talvez interessante discutirmos os desafios da guerra cibernética, isso é algo para o que nossos países talvez não tenham despertado suficientemente.

Isso é um problema não só para a superpotência, como estamos vendo nos jornais todos os dias, mas que tem a ver também com a defesa dos recursos naturais, e não só naturais mas também humanos e tecnológicos.

Isso talvez seja especialmente relevante para os países africanos.

A defesa dos recursos naturais depende muito de nossa capacidade de defesa em relação a intrusões e ataques cibernéticos.

Talvez pudéssemos dedicar um pouco de atenção a isso no nível de seminários e discussões, sem ter a pretensão de passarmos a uma defesa comum nesse campo.

O Brasil tem participado muito intensamente – eu não vou enumerar – de vários projetos de cooperação bilateral com todos os países aqui presentes.

Recentemente tivemos inclusive uma participação no auxílio à formação da polícia do Timor Leste.

Com todos os países aqui presentes sem exceção nós temos uma cooperação intensa.

Com Portugal ela já é tradicional, mas com os demais países pretendemos também aprofundá-la.

Outras iniciativas em que o Brasil está envolvido – em algumas das quais ele esteve na origem – são também muito importantes e podem ter um reflexo nos trabalhos da CPLP.

É o caso da Zopacas, a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, algo que consideramos muito importante.

A esse respeito eu quero muito especialmente agradecer a Portugal o fato de ter sempre votado a favor da Resolução da Assembleia Geral da ONU sobre o estabelecimento de um hemisfério sul livre de armas nucleares.

Isso revela a capacidade de Portugal de atuar de forma independente e corajosa nos foros internacionais.

Quero prestar essa homenagem.

Menciono também que temos participado com grande preocupação, por interesse mas também com o objetivo de ajudar, de exercícios próximos ao Golfo da Guiné ou dentro dele.

É uma área de grande importância para todos os países, e também para o Brasil, porque grande parte do petróleo que importamos vem de lá.

Independentemente disso, temos grande interesse em contribuir para a segurança dessa área.

Muito recentemente participamos de uma operação de patrulhamento nessa região.

Volto a dizer: estamos prontos a cooperar, tanto no plano multilateral da CPLP, quanto no bilateral dos países envolvidos.

E mais uma vez agradeço a proverbial hospitalidade portuguesa, hoje ainda brindada por um tempo muito bonito e uma localização muito agradável.